

PASSADO HISTÓRICO E PRESENTE DO RACISMO DENTRO DO TURISMO: A INVISIBILIDADE DE VIAJANTES NEGROS BRASILEIROS NOS ESPAÇOS TURÍSTICOS

RAIMUNDO, Glória Geovana de Oliveira¹

PIMENTEL, Juliana Maria Vaz²

Resumo

A presença de viajantes negros em relação a brancos é discrepante nos espaços turísticos. Compreender o quão problemático é a invisibilidade de pessoas negras no turismo como consumidores e os motivos para isso ocorrer, são os objetivos deste estudo. Relacionando o turismo e o quanto todo o contexto histórico do negro no Brasil recaem de forma negativa em todas as intâncias da sua vida, a presente pesquisa visa constatar o racismo existente na atividade turística, assim como, identificar as determinantes que fazem com que esse público não tenha o mesmo acesso às viagens quanto a população branca. A metodologia é pautada na pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Os dados preliminares da pesquisa demonstram que a escassez de viajantes negros se dá pela falta de recursos financeiros, pela violência, a falta de segurança durante as viagens, a discriminação racial, e a falta de tempo. Entende-se que o racismo e a desigualdade socioeconômica que as pessoas negras vivenciam as impedem de conhecer e experienciar novas experiências, e isso necessita ser mudado urgentemente. Dessa forma, é imprescindível que estudos no âmbito do turismo sejam realizados com vistas a entender esse perfil de turistas e, assim, criar produtos turísticos que assegurem uma viagem em que o turista afrodescendente não vivencie situações de racismo em suas viagens.

Palavras-Chave

Racismo; Viagens; Turismo; Viajantes Negros; Invisibilidade.

Introdução

Na sociedade atual brasileira ainda há reflexos dos fragmentos da escravidão que podem ser compreendidos pelos mecanismos do racismo estrutural. O abismo social entre negros e brancos é uma consequência da atrocidade vivenciada pelos povos africanos para servirem de mão de obra escrava em território brasileiro. A população afro-brasileira se encontra em extrema vulnerabilidade devido a uma diversidade de condicionantes, que se encontram tanto no aspecto socioeconômico, no acesso a educação, a infraestrutura básica, no combate ao racismo constante, na faixa salarial desigual – determinantes que acirram as disparidades entre negros e brancos e que dificultam a vida do negro em sociedade, incluindo na atividade turística.

A invisibilidade e a escassez da população negra no turismo como consumidores é evidente e pode ser apreendida a partir da falta de recursos financeiros, da violência, da falta de segurança durante as viagens, a discriminação racial e da falta de tempo voltado ao lazer. Apesar dos aspectos mencionados sobre a população negra e constatar a existência de vestígios da escravidão ainda na sociedade atual, é necessário discutir que a demanda de viajantes afro-brasileiros é uma potência ignorada no mercado tradicional do turismo brasileiro. A falta de pesquisas voltadas a esse público

¹ Bacharelada em Turismo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: gloria.raimundo@unesp.br

² Professora Doutora do Curso de Turismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: juliana.vaz@unesp.br



no que condiz ao perfil do turista negro, aos hábitos de viagens e suas expectativas, impossibilitam o desenvolvimento de ofertas de produtos e serviços voltadas ao consumidor negro.

O racismo e a desigualdade socioeconômica que essas pessoas vivenciam as impedem de conhecer e experienciar diferentes formas de lazer que envolvem a atividade turística. É de extrema importância compreender o quão problemático é a invisibilidade de viajantes pretos e os motivos para isso ocorrer, pois se o lazer é para todos porque não é perceptível quando você realiza qualquer viagem e constata a ausência de viajantes pretos nesses espaços turísticos?

Metodologia

Para o transcorrer da presente pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa de caráter exploratório. A pesquisa qualitativa, visa a compreensão, a interpretação e explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos, resultantes de múltiplas interações sociais, (ALVES e AQUINO, 2012). Sobre a pesquisa exploratória Gil (2002, p. 41) assevera que seu objetivo é aproximação do objeto da pesquisa, como maneira de construir dados que possam dar subsídios às hipóteses levantadas em relação ao conteúdo que está sendo pesquisado, além disso, está incluído nessa metodologia, o levantamento bibliográfico. A primeira etapa da presente discussão, buscou fazer uma análise de referências teóricas que abordam o racismo estrutural e a condição das pessoas afrodescendentes quanto consumidores do turismo. Dessa forma, buscou-se levantar informações a partir da leitura de artigos, revistas científicas, livros, sites governamentais, trabalhos de conclusão de curso, blogs, como método para embasar a discussão proposta neste trabalho científico.

Resultados e Discussões

Conforme Santos (2018) a formação da identidade afro-brasileira foi construída mediante a histórias que estereotiparam a verdadeira condição dos africanos que chegaram ao Brasil colonial para trabalharem como mão de obra escrava. A autora destaca que o extermínio da identidade do negro e a sua não inclusão na sociedade, se desdobraram diretamente em consequências irreparáveis aos povos negros. Embora a população preta ou parda seja a maior parte (55,8%) (IBGE, 2019), a taxa de analfabetismo é extremamente perceptível ao analisar os estudos realizados pelo IBGE. Cerca de 9,9% de pessoas pretas ou pardas são analfabetas, enquanto a população branca é de aproximadamente 4,2% (IBGE, 2018). Já em relação a remunerações é bastante discrepante, ao mesmo tempo que brancos possuem um rendimento médio de R\$2.814,00, pessoas pretas retém cerca de R\$1.570,00 (IBGE, 2018). Em relação a violência, as taxas de homicídios, por 100 mil jovens de 15 a 29 anos de idade, é profundamente alta, enquanto 98,5% de jovens pretos ou pardos são assassinados, 34,0% são brancos (IBGE, 2019).

Além disso, é necessário destacar aspectos referente as disparidades entre a faixa salarial entre brancos e negros:

[...] a população branca também registrou indicadores mais favoráveis. Esse quesito tem particular importância, pois o trabalho é a principal fonte de renda para a aquisição de bens e serviços e para o padrão de consumo de indivíduos e famílias. Em 2021, o rendimento médio mensal de pessoas ocupadas brancas (R\$ 3.099,00) foi bastante superior ao de pretas (R\$ 1.764,00) e pardas (R\$ 1.814,00). A diferença relativa em favor das pessoas ocupadas brancas ocorre desde o início da série histórica, em 2012 (IBGE, 2022).



A partir desse contexto é possível compreender que:

Através da mobilidade social e o aumento do poder de consumo, é evidente que a viagem estará na lista dos itens desejados por todas as classes sociais. Entretanto, uma vez que a maioria da população, que é negra e pobre, demanda por infraestrutura básica, educação e enfrenta a discriminação racial, a viagem se distancia desse público. (SANTOS, 2018, p. 35).

De acordo com Almeida (2019, p. 38), podemos definir de maneira resumida o racismo como:

[...] decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas.

Segundo Kilomba (2019) dentro do racismo, corpos negros são considerados como corpos impróprios, como corpos que encontram-se “fora do lugar” e, por consequência, corpos que não podem pertencer a um lugar. Pelo contrário, os corpos brancos, são construídos como próprios, ou seja, são corpos que estão “em casa”, “no lugar”, corpo que sempre pertencem a todos os espaços possíveis. No livro da autora, a mesma salienta que:

É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. [...] O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc (KILOMBA, 2019, p. 76).

No turismo, Ferreira e Casagrande (2018) indagam sobre escassez da presença de pessoas pretas nos espaços turísticos no território brasileiro e explica que pode ser por conta das práticas interseccionais e estruturantes de gênero, classe e etnia/raça, principalmente nos princípios da organização social brasileira que dificultam para que corpos negros encontrem-se em espaços turísticos. No momento em que estão, constantemente são “confundidos” como trabalhadores do turismo por aparentemente não pertencerem à conduta de um consumidor do turismo (OLIVEIRA, 2021).

Mediante a pesquisa elaborada por Santos (2018) foi analisado que dentre 580 pessoas afro-brasileiras, cerca de 63,5% estabeleceram a falta de recursos financeiros como um dos fatores que desmotivam viajar no Brasil. Enquanto, 10,5% por Violência e Segurança, 5,6% por falta de tempo e também pelo Racismo, com uma frequência relativa de 5,5%. Já os fatores que desmotivam a viajar ao exterior, o que prevaleceu foi a falta de recursos com 45,2%, em segundo o Câmbio 11,2%, em terceiro o idioma com 8,3% e o quarto pelo racismo com 6,0%.

Ademais, a pesquisa de Santos (2018) destaca acontecimentos de racismo/ou injúria racial em viagens domésticas, no qual foi averiguado que 46,7%, já vivenciaram e/ou presenciaram situações de racismo. Já em viagens internacionais, 27,2% vivenciaram e/ou presenciaram o



racismo durante as viagens. De maneira geral, os turistas destacam as situações, em que houveram o atendimento diferenciado, olhares desconfortáveis, perseguição em estabelecimento, hipersexualização, agressão verbal, acusações de furto e/ou roubo, impedido (a) de entrar no ambiente, condição financeira questionada, exclusão/invisibilidade, “piadas”, “confundido (a)” com funcionário (a), inospitalidade, depreciação estética: traços negróides e cabelo crespo, agressão física, pertences pessoais revistados sem motivo comprobatório e ameaças.

De acordo com o estudo realizado por, Hintze e Júnior (2012) foi constatado quase exclusivismo na representação do turista “mais” branco, em relação aos negros em todas as categorias de turistas analisadas. Sendo assim, no caso das pessoas negras, o papel exercido como turista é mínimo, nesse ínterim, geralmente, o negro é apontado como servidor do turismo ou atrativo turístico. Os autores acrescentam que:

O turismo tem seu discurso formado a partir do encontro com o “outro”, mas, o “outro” está tão deformado e estereotipado, que o encontro não se dá, dá-se um pseudo-encontro, um simulacro. O olhar do turista é produzido a partir de um viés notadamente racista (HINTZE; JÚNIOR, 2012, p.71).

Oliveira (2021), salienta que é problemática a carência de dados oficiais a respeito de negros no turismo no Brasil. Não se encontra informações oficiais quanto a viajantes negros, não se sabe quem são eles, para onde deslocam-se, o que consomem, quais seus hábitos de viagens.

Apesar dos dados da população negra evidenciarem que existe ainda vestígios da escravidão e que a dívida histórica com eles irá demorar anos para ser saldada, é importante mencionar que é um público que também consome e que está gradualmente crescendo e chamando atenção do mercado (OLIVEIRA, 2020). Conforme o Instituto Data popular, foi publicado uma pesquisa no ano de 2013, em que observou-se uma demanda crescente de afrodescendentes viajando, porém as ofertas de produtos e serviços para atender o perfil do consumidor negro é escasso (CARTACAPITAL, 2015).

Essa demanda é conhecida como afroturista e considerada uma potência, no entanto, infelizmente, invisível no mercado tradicional do turismo brasileiro. O racismo causa desequilíbrio no momento em que ignora o potencial de negros brasileiros quanto consumidores em potencial. Ainda que a população negra se encontre em maioria nas classes C e D, pesquisas demonstram que esse perfil foi, entre outros, um dos que mais cresceram referentes ao consumo de viagens. É destacado que apesar de todo o potencial que possui, os turistas negros são desconsiderados como prioridade dos fornecedores do turismo tradicional (CLEMENTE, 2020).

Considerações Finais

Considerando o conjunto de apontamentos, pode-se afirmar que apesar da população preta ou parda ser a maioria, ela se encontra a margem da sociedade, pois sofrem com: taxas altíssimas de analfabetismo, situação socioeconômica problemática, baixa infraestrutura básica, altas taxas de homicídio de jovens negros e a luta frequente contra a discriminação racial, evidencia que as viagens é algo extremamente fora de alcance desse público. É devido a essas determinantes mencionadas que impossibilitam que corpos negros estejam presentes em espaços turísticos reforçando, assim, a invisibilidade do negro no turismo. E quando estão nos espaços turísticos, frequentemente, são apontados como servidores do turismo ou, até mesmo, como atrativo turístico. O racismo é profundamente presente durante as viagens, viajantes negros passam por situações de extremo desconforto, com maior instensidade em viagens domésticas, e em seguida, em viagens internacionais. Pode-se mencionar as situações que ficaram perceptíveis na pesquisa, como o



atendimento diferenciado, olhares desconfortáveis, perseguição em estabelecimento, hipersexualização, agressão verbal, acusações de furto e/ou roubo, impedido (a) de entrar em determinados ambientes, condição financeira questionada, exclusão/invisibilidade, “piadas”, “confundido (a)” com funcionário (a), inospitalidade, depreciação estética: traços negróides e cabelo crespo, agressão física, pertences pessoais revistados sem motivo comprobatório e ameaças.

Dessa forma, é fundamental a elaboração de estudos do perfil de viajantes negros, com vistas a levantar informações mais precisas sobre os hábitos de consumo de negros no setor do turismo, visto que apesar de todas as condicionantes, a população negra também é um público que consome o turismo e que está crescendo gradualmente e chamando atenção do mercado. A partir disso, é possível desenvolver ofertas de produtos e serviços para atender essa demanda, uma potencialidade que não deve ser ignorada, mas sim inserida imprescindivelmente na atividade turística.

Referências

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019. p.38. Acesso em: 21 abr. 2023.

ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO, Mirian Albuquerque. A Pesquisa Qualitativa: Origens, desenvolvimento e utilizações nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012, João Pessoa, v.22, p. 79-100, Número Especial 2012.

CLEMENTE, Hubber. Turismo tradicional não está preparado para o afroturista. 2020. Guia Negro. Disponível em: <https://guianegro.com.br/turismo-tradicional-nao-esta-preparado-para-o-afroturista/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. E quem disse que não é seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras. Revista Mundi Sociais e Humanidades, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 1-21, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335562772_E_QUEM_DISSE_QUE_NAO_E_SEU_LUGAR_POR_UM_TURISMO_DEMOCRATICO_E_INCLUSIVO_PARA_NEGROS_E_NEGRAS. Acesso em: 05 abr. 2023.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HINTZE, Helio; JÚNIOR, Almeida. Estudos críticos em turismo: A comunicação turística e o mito da democracia racial no Brasil. Revista Turismo & Desenvolvimento, v. 1, n. 17/18, p. 57-72, 2012. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/12767/16330>. Acesso em: 05 abr. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas - Informação Demografia e Socioeconômica. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 02 abr. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas - Informação Demografia e Socioeconômica. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 02 abr. 2023.



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE mostra as cores da desigualdade. 2018.

Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>. Acesso em: 02 abr. 2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro:

Editora Cobogó, 2019. Disponível em:

https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RACISMO_NO_TURISMO.pdf. Acesso em: 21 abr. 2023.

O perfil do empreendedor negro no Brasil. CARTACAPITAL. 2015. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-perfil-do-empendedor-negro-no-brasil/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Precisamos falar sobre racismo no turismo. Revista

Iberoamericana de Turismo- Ritur, v. 11, n. 2, p. 267-280, 2021. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/11889>. Acesso em: 03 abr. 2023.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Afroempreender em Turismo no Brasil: discussões iniciais. In:

MENEZES, Paula Dutra Leão de; BRAMBILLA, Adriana; SOARES, André Luiz Vieira (org.).

Perspectivas da Gestão em Turismo e Hotelaria II. João Pessoa: Editora do Ceta, 2020. p.

8-539. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/344883108_Perspectivas_da_Gestao_em_Turismo_e_Hotelaria_II. Acesso em: 03 abr. 2023.

SANTOS, Thainá Souza. O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo. 2018. 83 f. TCC

(Graduação) - Curso de Turismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo,

São Paulo, 2018. Cap. 1. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5830662/mod_resource/content/1/ENEGRECER%20o%20Turismo%20-%20Thaina%CC%81%20SANTOS.pdf. Acesso em: 02 abr. 2023.